



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

EDNA NÚBIA SERRANO DA FONSECA

**REPENSANDO O ENSINO DE LEITURA NA EJA: UMA REFLEXÃO A
PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**GUARABIRA – PB
2017**

EDNA NÚBIA SERRANO DA FONSECA

**REPENSANDO O ENSINO DE LEITURA NA EJA: UMA REFLEXÃO A
PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras - Português da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento dos requisitos
necessários para obtenção do grau de
Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof. Dr. Edilma de Lucena
Catanduba

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F676r Fonseca, Edna Nubia Serrano da.
Repensando o ensino de leitura na EJA: [manuscrito] : uma reflexão a partir do estágio supervisionado / Edna Nubia Serrano da Fonseca. - 2017.
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Leitura e Ensino. 2. Metodologia. 3. EJA.

21. ed. CDD 374

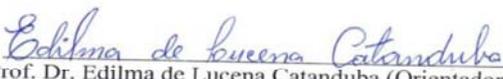
**REPENSANDO O ENSINO DE LEITURA NA EJA: UMA
REFLEXÃO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

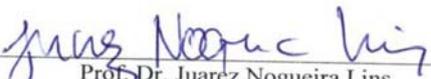
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras - Português da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento dos requisitos necessários
para obtenção do grau de Licenciada em
Letras.

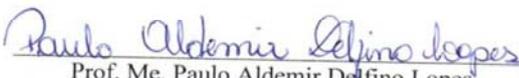
Orientador: Prof. Dr. Edilma de Lucena
Catanduba

Aprovada em: 15/12/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Edilma de Lucena Catanduba (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, Maria de Lourdes Serrano da Fonseca e a meus Irmãos Genival Serrano da Fonseca e Lindoval Serrano da Fonseca pelo incentivo, carinho e apoio durante toda essa caminhada, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **DEUS**, pois foi ele quem me deu forças e sabedoria para concluir o curso.

À minha orientadora professora, **Edilma de Lucema Cantanduba**, pelas importantes orientações precisas quando foram solicitadas, as quais tornou possível a realização deste trabalho.

À minha **família** pela confiança, compreensão e apoio nessa minha jornada acadêmica.

Ao meu esposo **Gerlúcio Bezerra Pereira** pela paciência e carinho ao longo dos anos.

E a **todos** que de alguma forma colaboraram comigo para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

“Ler é a melhor forma de não estar sozinho”.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

EXEMPLO 1- Conhecimento prévio do texto.....	21
GRÁFICO 1- Faixa etária.....	22
GRÁFICO 2- Motivação leitora.....	24
GRÁFICO 3- Preferência pela leitura.....	26
GRÁFICO 4- Tempo livre.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 BREVE HISTÓRIA SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	19
3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EJA	23
3.1 CONCEITUANDO A LEITURA EM SALA DE AULA.....	17
4 O ENSINO DE LEITURA NA EJA.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	39

REPENSANDO O ENSINO DE LEITURA NA EJA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Edna Núbia Serrana da Fonseca

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Repensando o ensino de leitura na EJA (Educação de Jovens e Adultos): Uma reflexão a partir do estágio supervisionado” tem o objetivo de identificar as dificuldades na aprendizagem da leitura dos alunos e oferecer norteamento teórico e metodológico para os professores favorecer o êxito dos mesmos no processo de ensino. O interesse por essa temática surgiu durante o Estágio Supervisionado II na escola John Kennedy. O espaço para o ensino de leitura é muito restrito. Disso resulta que, os alunos apresentam muita dificuldade em ler. Fundamentamos nossa pesquisa em estudos de autores que discutem a competência leitora, dentre eles Tfouni (1995 e 1988), Soares (2004 e 2009), Kleiman (1993 e 2010), Freire (1997 e 2001), Ribeiro (2001). Trabalharemos com um *corpus* formado por questionários aplicados junto aos alunos. Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para minimizar os problemas de leitura nessa modalidade de ensino.

Palavras-Chave: Leitura e Ensino. Metodologia. EJA.

ABSTRACT

The present work titled "Rethinking the teaching of reading in EJA (Youth and Adult Education): A reflection from the supervised stage" aims to identify the difficulties in learning the reading of the students and offer theoretical and methodological guidance for teachers their success in the teaching process. Interest in this theme arose during Supervised Internship II at the John Kennedy School. The space for reading teaching is very restricted. As a result, students find it very difficult to read. We base our research in studies of authors who discuss the reading competence, among them Tfouni (1995 and 1988), Soares (2004 and 2009), Kleiman (1993 and 2010), Freire (1997 and 2001) and Ribeiro (2001). We will work with a corpus formed by questionnaires applied to the students. We hope that this research can contribute to minimize the problems of reading in this modality of teaching.

Keywords: Reading and Teaching. Methodology. EJA.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos aqui propostos surgiram a partir dos estágios supervisionados de regência exigidos pela Universidade Estadual da Paraíba. Através das experiências surgiu a

ideia de uma análise com objetivo de compreender e saber como o ensino-aprendizagem da leitura, se desenvolve em sala de aula e identificar as dificuldades dos alunos.

Os alunos que não conseguem ler têm dificuldades de desenvolver o letramento e tendem a deixar a escola constantemente ao longo do término dos estudos, devido as dificuldades encontradas. Durante os estágios, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa e quantitativa no intuito de apontar ou evidenciar as dificuldades de leitura em sala de aula.

Baseando-nos nas aulas podemos dizer que existem alunos leitores e não leitores. Identificamos que o interesse pelas informações nos textos expostos em sala de aula é evidente naqueles alunos que têm o hábito da leitura. Porém, aqueles que não têm constante contato com a leitura, não desenvolvem a prática de ler e têm dificuldades de aproximação com texto. Há também aqueles que demonstram vontade de aprender, mas não têm espaço suficiente para aprimorar e se envolver na leitura, tampouco a escola oferece recursos que possam facilitar a formação do gosto pela leitura, pois não existe na sala de aula espaço para leituras. Os estudos de textos quase sempre remetem ao estudo da gramática.

No entanto, as práticas de leitura e escrita vão se desenvolvendo no decorrer das aulas e aqueles alunos que entendem e conseguem assimilar os conteúdos costumam ter hábitos de leituras fora do ambiente escolar. Disso decorre a necessidade de espaços mais amplos para leitura em sala de aula e apresentação de textos que tenham temáticas que possam despertar nos alunos o interesse pela leitura.

Embora haja diversas situações de leitura fora do contexto escolar, podemos perceber que a escola é o melhor local para trabalhar a capacidade de ler e compreender através do ensino. A leitura influencia o processo de letramento que favorece a formação de cidadãos pensantes. Assim, o ensino de leitura é determinante para que os jovens e adultos consigam concluir os estudos no contexto de educação transformadora.

Durante os estágios, pudemos perceber as dificuldades que os jovens e adultos vivenciam na aprendizagem da alfabetização e do letramento e como essas dificuldades provocam o desinteresse pela leitura. A partir do estágio supervisionado realizado na escola de rede pública, na EJA (Educação de Jovens e Adultos), analisamos no ensino de língua portuguesa em sala de aula, o conteúdo repassado, quase sempre gramatical, a compreensão por parte dos alunos e o interesse pela leitura que eles demonstravam ao longo das aulas. Partindo dessas observações, podemos dizer que a maioria dos alunos é comprometido com o ensino e busca na aprendizagem uma forma de conseguir conhecimento e com isso, um diploma para garantir sua conclusão do ensino médio. Enquanto uma pequena minoria só

busca um certificado, não tem compromisso com a aprendizagem nem com o domínio de leitura, o que justifica assim a falta de interação em sala de aula.

Além do compromisso que os docentes têm de inserir os jovens e adultos na condição de alfabetizados, eles também precisam fazer com que o aluno busque desenvolver o letramento, por meio da leitura, de modo que possam não só interpretar um texto, como também possam ter um olhar crítico e saber que o conhecimento de mundo, aliado às técnicas obtidas através de muita leitura, é a fórmula para dar início a uma etapa de capacitação e transformação do pensamento de um bom leitor. Saber ler e escrever é a base que os discentes têm para prepararem-se e tornarem-se praticantes no que diz respeito a usar seus conhecimentos fora da sala de aula. Por isso, a leitura deve ser estimulada na sala de aula para tornam-se prazerosa no cotidiano dos alunos, devendo transpor as paredes da escola e ser inserida no dia a dia das pessoas.

Seguindo essa linha de pensamento, o propósito desse artigo é evidenciar a importância da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e problematizar os acontecimentos de ensino-aprendizagem em sala de aula, como a aprendizagem do letramento e alfabetização, o interesse pela leitura, o tempo de leitura proposto e a importância dessa aprendizagem. Assim a primeira parte do artigo será uma breve história referente à EJA (Educação de Jovens e Adultos), em seguida discutiremos a definição de Alfabetização e Letramento. Na sequência, trataremos do ensino de leituras na EJA. Por fim faremos as considerações finais.

2 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

educador e educando devem interagir, criando-se novos métodos de aprendizagem”. A Educação deve ser sempre uma educação multicultural, uma educação que desenvolva o conhecimento e a integração na diversidade cultural. (FREIRE 1997, p. 38)

A história da (EJA) Educação de Jovens e Adultos no Brasil foi marcada por diversos acontecimentos, esses processos estão contextualizados de acordo com a trama da educação brasileira, que foi sendo construída a partir da necessidade de educar e inserir a cultura da população dominante. No entanto, essa alfabetização era dotada de princípios missionários. No período colonial, podemos observar que os jesuítas tinham a função de catequizar e alfabetizar os indígenas que viviam na colônia brasileira.

É a partir desse período que contextualizaremos a educação de jovens e adultos, ou seja, a educação passou por momentos históricos significativos, que tiveram início desde o

predomínio dos jesuítas, passando pelas reformas do Marquês de Pombal, e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821). A partir da constituição imperial de 1824, buscou-se ampliar e garantir a todos os cidadãos a instrução primária.

Os jesuítas acreditavam que não seria possível converter os índios sem que eles soubessem ler e escrever. Assim,

a vinda dos padres jesuítas, em 1549, não só marca o início da história da educação no Brasil, mas inaugura a primeira fase, a mais longa dessa história, e, certamente a mais importante pelo vulto da obra realizada e sobretudo pelas consequências que dela resultaram para nossa cultura e civilização. (RIBEIRO, 1998, p. 28)

Até aqui, podemos observar que a importância da alfabetização na vida dos adultos, surgiu com a necessidade de ter pessoas para servirem na igreja e no trabalho, por meio de interesses para a sociedade colonial.

A partir do momento em que os índios conheceram as leis, os costumes e crenças vindas de fora durante o período da colonização, passaram a fazer parte da sociedade brasileira com costumes e ritmo de vida dos países europeus que influenciaram na cultura, língua e diversos outros aspectos, desse modo, começaram a ser alfabetizados. Os jesuítas começaram a inserir os índios em um trabalho educativo por meio da pregação da fé católica. A partir do momento em que eles eram preparados para a doutrina católica também eram influenciados pelos costumes europeus. Desse modo, podemos obter uma noção de como a história da educação de jovens e adultos teve início no Brasil e como a educação surgiu por meio de interesses, dando origem a um processo de ensino aprendizagem para adultos.

Em 1759, quando os jesuítas saíram do Brasil, ficou para trás aquilo que deu nome ao início da alfabetização para pessoas adultas, que tinha o objetivo de educar pela fé, capacitadas não apenas para ler e escrever, mas também para tornarem-se mão de obra para serventia dos colonizadores.

De acordo com Moura (2003, p. 27):

com a expulsão dos jesuítas de Portugal e das colônias em 1759, pelo marquês de pombal toda a estrutura organizacional da educação passou por transformações. A uniformidade da ação pedagógica, a perfeita transição de um nível escolar para outro e a graduação foram substituídas pela diversidade das disciplinas isoladas. Assim, podemos dizer que a escola pública no Brasil teve início com pombal os adultos das classes menos abastadas que tinham intenção de estudar não encontravam espaço na

reforma Pombalina, mesmo porque a educação elementar era privilégio de poucos e essa reforma objetivou atender prioritariamente ao ensino superior.

A partir da Constituição Imperial, a educação passou a fazer parte especialmente da vida dos filhos dos colonizadores portugueses, enquanto as populações negras e indígenas eram excluídas, tendo em vista, que a prioridade era para a classe dominante. Então, no ato imperial surgiram as chamadas camadas inferiores, constituídas por homens e mulheres pobres, negros, escravos e todos aqueles que fizessem parte da classe não dominante, como aponta Sampaio & Almeida (2009, p.13):

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma história que se produz à margem do sistema de educação, impulsionada pela luta dos movimentos sociais, marcada pelo domínio e pela exclusão estabelecidos historicamente entre a elite e as classes populares neste país.

Em Portugal, até a época de Pombal, e no Brasil, até a vinda da corte, o ensino era público e religioso (CUNHA, 1986, p. 79). Foi com D. João VI que passamos à secularização do ensino público. Para promover melhorias no campo da educação foram surgindo diversos acontecimentos na modalidade do ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Soares (2002, p. 8) cita que:

No Brasil, o discurso em favor da Educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da República. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de Ensino.

Em 1920, o Brasil alcançou a marca de 72% de alfabetismo, a partir desse resultado foi criado um plano Nacional de Educação que foi ganhando força nas décadas de 40 e 50. A pedagogia de Paulo Freire trouxe reflexões sobre as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem dos jovens e adultos. Porém, com o Golpe Militar de 1964, o governo tinha o objetivo de promover uma técnica que desse continuidade a educação e em 1967, criou o (Mobral) Movimento Brasileiro de Alfabetização, que tendo sido criticado por ser um movimento sem métodos, foi extinto em 1985.

De acordo com os métodos que foram utilizados no ensino do Mobral, segundo Aranha (1996, p. 207), pode-se dizer que eram praticamente os mesmos adotados por Paulo Freire, porém de maneira deformada e com algumas particularidades, pois o governo oferecia o seu avesso; portanto não muito completo, pois se utilizava do método das fichas de leitura, mas não considerava o conhecimento prévio do aluno e tampouco existia o processo de

conscientização, tão defendido pelo educador Paulo Freire. Ainda segundo Aranha (1996, p.209):

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.

Se olharmos para a educação brasileira, a partir do período militar, podemos dizer que a educação de jovens e adultos passou por diversos processos ao longo do desenvolvimento educacional, passando a ter início um ensino definido, num sentido mais amplo, com a metodologia de Paulo Freire. Segundo Porcaro (2007, p. 02), o método de Paulo Freire significou um novo paradigma pedagógico, pois a concepção pedagógica por ele iniciada trazia consigo uma nova visão sobre o problema do analfabetismo, dando ênfase às classes populares, no sentido de entender as duas vertentes bastante criticadas da época: educação e sociedade.

A alfabetização de jovens e adultos no Brasil tem uma história que chama atenção, pelo fato de que grande parte da população é formada por trabalhadores que têm o objetivo de estudar e ampliar o conhecimento. Mesmo sendo um país que passou por uma trama de acontecimentos na educação, o Brasil continua a perseguir seu objetivo em ampliar o acesso à educação, principalmente para aquelas pessoas que tem sua educação comprometida por algum motivo.

Segundo Leôncio Soares (2006, p. 8):

A função equalizadora da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como: donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação.

Assim, os sistemas de ensino foram se desenvolvendo e permitindo que todas as pessoas tenham acesso à educação. Com base na LDB (1996), foi constituída a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino através da resolução CNB/CEB N° 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Ressalta-se ainda o direito dos jovens e adultos à educação adequada às suas necessidades peculiares de estudo, e ao poder público fica o dever de oferecer esta educação de forma gratuita a partir de cursos e exames supletivos.

O desafio imposto para a EJA na atualidade se constitui em reconhecer o direito do jovem/adulto de ser sujeito; mudar radicalmente a maneira como a EJA é concebida e praticada; buscar novas metodologias, considerando os interesses dos jovens e adultos; pensar novas formas de EJA articuladas com o mundo do trabalho; investir seriamente na formação de educadores; e renovar o currículo, entre outras ações, de forma que esta passe a constituir um direito, e não um favor prestado em função da disposição dos governos, da sociedade ou dos empresários (FREIRE, 1997).

Desde o período colonial que o Brasil iniciou a educação com jovens e adultos, diante disso, podemos observar que a sociedade se transformou e a educação também. De acordo com a trajetória histórica, a necessidade de ensinar fez com que o ensino aos mais velhos ganhasse novos rumos, buscando possibilidades de mudar e melhorar essa educação. O presente artigo não tem a intenção de discorrer sobre a história da EJA de modo aprofundado, exaustivo, e sim fazer uma breve historização de algumas etapas ocorridas na educação de jovens e adultos, com o objetivo de situar o processo de alfabetização e o ensino da leitura em sala de aula da modalidade da EJA.

3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EJA

Na perspectiva desta abordagem, podemos afirmar que a alfabetização partiu da necessidade do homem de se comunicar através da escrita. No entanto, esses conhecimentos foram transformando-se ao longo do tempo e novos conceitos passaram a fazer parte não só da escrita, mas também da leitura. Aprender se relaciona com o ato de ensinar a ler e a escrever, tornando-se viável a alfabetização, ao tempo que o conceito de letramento vai além do ato de ler e escrever, é um termo que nos remete para a função de compreender as práticas sociais por meio da interação com a sociedade.

A alfabetização é uma prática pedagógica que assume um significado amplo e vem se desenvolvendo, tanto no que diz respeito à forma de ensinar, quanto à metodologia aplicada. Diante disso, podemos pensar e analisar as formas como a educação de jovens e adultos está tratando desse tema nas escolas. Ensinar a ler e a escrever está diretamente ligado ao ato da alfabetização que remete as habilidades de ensino na sala de aula, e como esse ato de ensino-aprendizagem influencia no hábito da leitura dos alunos, pois a leitura é o meio ativo de trabalhar a capacidade de desenvolvimento cognitivo das pessoas.

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades pela leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence assim, ao âmbito individual. (TFOUNI, 1988, p. 9)

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. (TFOUNI, 1995, p. 9-10).

Neste processo, é importante enfatizar que alfabetização não se limita ao ensino da decodificação e codificação das palavras. Existe um significado mais amplo que transforma a aprendizagem do código em um vocabulário com níveis de textos que estejam inseridos na sociedade, fazendo com que as palavras sejam entendidas em diferentes contextos. Não se limitando a um processo metodológico. Para Soares:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, [...] a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita – o letramento. (SOARES, 2004, p. 14)

É fundamental que saibamos distinguir alfabetização de letramento. Apesar dos termos se complementarem, eles se diferenciam no que diz respeito a ler e escrever, pois a alfabetização trata daquele indivíduo que sabe ler e escrever ou que está em processo de aquisição dessas competências e o letramento refere-se aqueles que sabem ler e escrever, mas que dominam a escrita, produzem textos e sabem fazer uso do ler e do escrever. Porém, os termos trouxeram grandes discussões ao longo do tempo. A alfabetização está vinculada à aprendizagem da língua escrita, no entanto, o letramento além de possibilitar a aprendizagem

da língua escrita torna possível ao sujeito fazer uso da leitura e escrita na sociedade. Para compreender esses termos foram surgindo diversos conceitos.

A teoria de Freire, “alfabetizar é reconhecer as experiências vividas pelos educandos como ponto de partida, para então pensar em que nível de saber os mesmos se encontram para, então, mediante o aprendizado da leitura e da escrita da palavra, acrescer o novo conhecimento” (FREIRE, 2001, p.137). Ressalte-se que ao longo de todo o processo, por insistência de Paulo Freire, o foco era na aprendizagem, e não no ensino. Esteve sempre presente a preocupação de partir da vivência de cada um, de suas motivações, e de individualizar a aprendizagem, com atenção especial aos progressos e dificuldades de cada um. Visivelmente, quem tinha dificuldades era rapidamente ajudado pelos outros, aplicando-se a máxima de Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (GUERRA, 2013, p. 39).

Na perspectiva do letramento, é fundamental adquirir uma leitura, partindo da realidade dos adultos alfabetizados, a partir da leitura de mundo, desenvolvem o processo de aquisição da leitura, pois ampliam o conhecimento nas práticas sociais em que a leitura e a escrita se realizam.

ser alfabetizado é torna-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la. Freire concebe o papel do letramento como sendo ou de libertação do homem ou de sua “domesticação”, dependendo do contexto ideológico em que ocorre, e alerta para sua natureza inerentemente política, defendendo que seu principal objetivo deveria ser o de promover a mudança social, (SOARES 1998, *apud* RIBEIRO 2001, p. 91).

Assim, para compreender as definições de alfabetização é preciso fazer diversas reflexões com base nas práticas educacionais. Compreendemos que o letramento seria, portanto, o modelo das estratégias discutidas por Paulo Freire acerca das reflexões sobre as práticas da educação, mesmo sem utilizar o termo “Letramento”. Podemos observar que suas análises eram voltadas para uma educação repleta de conhecimentos que inseria a palavra alfabetização dentro de um processo amplo e transformador.

O professor é o principal mediador para inserir o aluno em um sistema de aprendizagem que não seja voltado apenas para a alfabetização, com o intuito apenas de decodificação, mas com o propósito de um ensino-aprendizagem, que leve o discente a refletir sobre a importância da leitura em sua vida, visando contribuir com o desenvolvimento do aluno e garantindo a prática do processo de letramento.

Para Mortatti (2004, p. 98):

Letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou, mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem.

Soares (2009), mesmo apontando a dificuldade de abranger toda a complexidade do significado de letramento em um único conceito, também expressa uma definição para o termo. Segundo ela, letramento pode ser definido como “Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (SOARES, 2009, p. 39). Assim, é importante ressaltar que o termo “letramento” tem um significado amplo, que envolve a leitura e a escrita, voltados para a sociedade.

Falar do processo de alfabetização de jovens e adultos no Brasil não é simples, é um processo que deve ser analisado e estudado, tendo suporte e embasamentos teóricos que transformem a educação dos adultos.

Entendemos a alfabetização como o processo de codificação e decodificação das palavras, sendo compreendido, através da leitura e da escrita. E letramento como o domínio da escrita e da leitura voltada para a interação na sociedade, com um propósito bibliográfico sobre “Alfabetização e letramento” tendo em vista uma análise no ensino na forma de leitura da (EJA) Educação de Jovens e Adultos.

3.1 CONCEITUANDO A LEITURA EM SALA DE AULA

A abordagem sobre leitura vem sendo questionada devido à escassez desta em sala de aula. A escola é um dos lugares mais importantes para compartilhar conhecimento e desenvolver o hábito de leitura. Para ressaltar o estudo sobre leitura, abordaremos a visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, que na seção de prática de leitura apresenta a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 1997, p. 69).

Ninguém nasce sabendo ler, a leitura desenvolve-se a partir das experiências no processo de aquisição de conhecimento, a importância de ter a leitura como prática diária é essencial para o desenvolvimento cognitivo. A escola é um meio importante que nos remete a esse processo e momento com a leitura, pois a sala de aula deve ser um espaço próprio para isso acontecer, onde o professor é o mediador desse ensino aprendizagem.

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva. (BRANDÃO; MICHELETTI, 2002, p. 9).

O ato de ler e escrever permite aos alunos níveis de conhecimentos mais elevados, mas nem sempre isso acontece, devido à falta de compreensão destes discentes. Um dos motivos observado é a falta de conhecimento prévio, no ato da leitura. As dificuldades vão surgindo quando determinados assuntos que não são de conhecimento do leitor aparecem e tornam-se de difícil compreensão. Segundo Kleiman (2010, p. 13):

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de *conhecimento prévio*: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

A leitura em sala de aula é o método mais significativo para um contato com o ato de leitura na maioria das vezes. A falta de interação com o texto por parte de alguns alunos é visível, pois não foram envolvidos com a prática de leitura. Ler para eles é um fato que tem diversos obstáculos, relacionados a falta de tempo, até sabem da importância que a leitura tem para suas vidas, mas não existe precisamente um motivo que os torne leitores.

Os conteúdos que, muitas vezes, se tornam difíceis de serem compreendidos pela falta de conhecimento prévio, que faz com que o leitor não se envolva, tampouco aprecie a leitura.

Para Cordeiro (2005, p.01), “o texto não é algo pronto, fechado e acabado”; é um processo que se completa na interação do leitor com o texto. E para melhor compreender um texto, o leitor deve buscar em sua memória o conhecimento prévio de tudo que se refere ao assunto.

Partindo das observações de aulas, constatamos que um dos motivos dos alunos da (EJA) Educação de Jovens e Adultos não terem o hábito de ler é o tempo. Argumentam que a rotina deles é tão corrida que não encontram tempo para leitura. Diante disso, o professor deve buscar formas dinâmicas que ofereçam aos alunos meios significativos para interagirem com a leitura.

Vejamos em Kleiman (1993, p.28):

Ler não é apenas decifrar letras, passar os olhos por algo escrito, fazer versão oral de um escrito, é um meio de interrogar uma escrita, formular um juízo sobre ela. Ler é estabelecer uma comunicação com textos impressos, por meio da busca da compreensão. É o processo de construir significado a partir dos textos.

Diante da insistência da falta de tempo, citada pelos discentes durante as observações em sala de aula, podemos perceber que esse argumento se remete a falta de interesse pela leitura, uma vez que eles não têm a concepção de interação com a leitura e muitas vezes acabam desinteressados e sem motivação para interagir ou buscar domínio e adquirir habilidades no processo da leitura.

Uma pessoa que chegar aos 65 anos viverá aproximadamente 570 mil horas. Se trabalhar durante 40 anos, 40 horas por semana, dedicará ao trabalho 83 mil horas. Se dormir em média 8 horas por dia, somaria cerca de 190 mil horas. Isso significa que sobrariam quase 300 mil horas para empregar em outras atividades úteis que não o trabalho propriamente dito. Uma fração grande dessas horas extratrabalho será certamente ocupada no processo de escolarização, que tende a se alongar cada vez mais, e por iniciativas posteriores de formação ao longo de toda sua vida. O aumento do tempo livre também favorece o associativismo, por meio do qual se constituem comunidades de aprendizagem, multiplica-se e redistribui-se o capital cultural dos grupos. Qualquer modalidade de organização social implica um forte componente educativo. (RIBEIRO, 2001, p. 194).

Para transformar a educação, não basta o educador ensinar as normas e modalidades que os alunos aprendem no âmbito escolar, mas atraí-los para uma escolarização que esteja permanentemente envolvida no seu cotidiano. Se os alunos compreendessem que é na leitura que encontramos as respostas para desenvolver nosso conhecimento, talvez o interesse pela leitura fosse maior, e o tempo seria aproveitado para horas de leituras.

Encontrar meios que envolvam o aluno em diversas leituras é apresentar para ele vários tipos de conhecimentos linguísticos, textuais e principalmente ativar seu conhecimento

de mundo. Assim, o aluno será um leitor com suportes para entender o texto, passando a desenvolver uma leitura ativa.

Na sala de aula, existe um instrumento de leitura clássica que se chama “livro didático”. Nesse, as leituras são resumidas a um texto que remete para atividades de gramática. Muitas vezes, esses livros mencionam autores importantes da história da literatura brasileira, porém, não existe uma leitura aprofundada dos livros. São trabalhados pequenos fragmentos de textos que remetem a esses autores da literatura, que são de grande importância para se trabalhar, quando se trata de leituras literárias em sala de aula. A metodologia tradicional com exposição oral do professor, seguida de exercícios escritos na lousa, em geral sobre aspectos gramaticais, para os alunos copiarem e responderem em seus cadernos, culminando com uma correção oral coletiva coordenada pela professora, está atrelada ao livro.

Trabalhar com jovens e adultos sobre leitura é trazer para eles textos do seu cotidiano. Pois quando eles se utilizam dos seus conhecimentos anteriores, acontece assim, a fácil compreensão e facilita o interesse pelo ato da leitura. Muitas vezes, os textos são de difícil compreensão e ler torna-se uma tarefa complicada para as pessoas que não têm hábito de leitura. Para obter essa prática é preciso envolvê-los em textos que lhes despertem o interesse constantemente, fazendo com que encontrem tempo para uma leitura além da sala de aula. Mas, é no ambiente escolar que os professores podem desenvolver essa habilidade com a leitura e a apresentação de textos que os envolvam.

Baseando-nos nas leituras dos teóricos Paulo Freire, Vera Masagão Ribeiro e Angela Kleiman, fundamentamos nossa análise, a partir das concepções abordadas com os alunos da educação de jovens e adultos. Durante essa aproximação foi observada a interação com a leitura em sala de aula por parte dos alunos e a forma como a professora interagia com a exposição dos textos aplicados. A leitura deve ser trabalhada com intuito de o aluno desenvolver um conhecimento ativo e que proporcione uma interação na sua aprendizagem, tornando-o um leitor crítico, não apenas capaz de decodificar textos de forma sistemática, sem exercer o processo de cognição da leitura.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

A pesquisa realizada na educação de jovens e adultos possibilitou um estudo do processo da leitura em sala de aula, permitindo diversos conhecimentos acerca dessa

modalidade. Essa relação se deu na condição de coleta de dados. A partir de observações em sala de aula, elaboramos e aplicamos uma oficina de leitura que resultou em um momento de diálogo com os alunos e os professores e a aplicação dos questionários. Assim, desenvolveu-se uma interação com os 17 alunos, entre eles 3 eram portadores de necessidades especiais auditivas e utilizavam a língua de sinais com a presença de 2 intérpretes em libras e 1 professora de língua portuguesa.

A pesquisa partiu de duas análises, a primeira quantitativa, considerando o número de alunos e a segunda qualitativa quando analisadas as respostas discursivas.

Com base nos estágios supervisionados II, através de conhecimentos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, acerca da leitura trabalhada na educação de jovens e adultos, a pesquisa tem como objetivo identificar as dificuldades de aprendizagem na leitura. A pesquisa foi realizada com os alunos da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio John Kennedy, situada na cidade de Guarabira-PB, com os alunos da turma 1º e 2º ano do ensino médio, ciclo VI (EJA) Educação de Jovens e Adultos.

De forma clara e objetiva, os alunos foram apresentados a uma proposta de leitura, tendo um primeiro momento voltado para um curso prático, de pouca duração “oficina de leitura” com a metodologia voltada para a importância da leitura. No segundo momento, a pesquisa se deu através de um questionário aplicado em sala de aula.

O intuito da oficina foi fazer com que os alunos expressassem a importância da leitura em suas vidas e compreendessem os benefícios que ela traz para nosso processo de aprendizagem. Esse momento aconteceu por meio de interação entre os sujeitos da pesquisa e as propostas apresentadas para uma reflexão a respeito do uso da leitura. Um dos métodos utilizados para esclarecer a compreensão de um texto é o conhecimento prévio que se tem para melhor assimilação da leitura.

Exemplo 1 – Conhecimento prévio do texto.



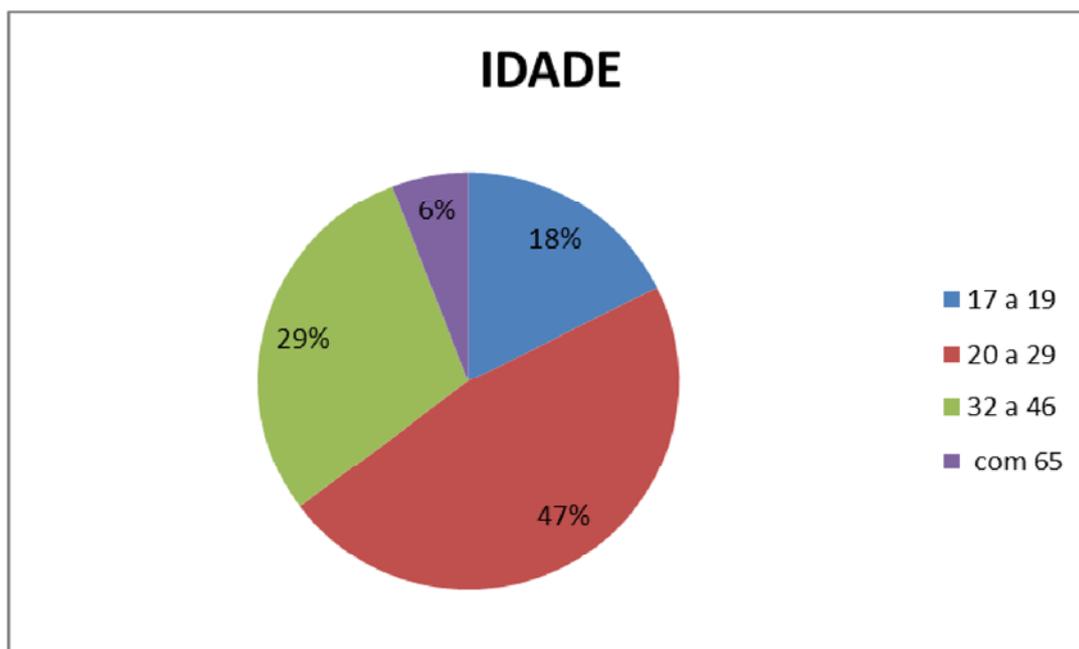
Observou-se no exemplo, que a grande maioria dos alunos não entendeu algumas palavras do texto exposto devido à falta de conhecimento prévio, pois as palavras escritas em inglês não faziam parte do seu vocabulário, portanto, não existia um conhecimento que remetesse a entender a frase completa. A partir do momento em que eles foram apresentados aos significados das palavras, o texto passou a fazer sentido e o entendimento foi completo.

O questionário contemplou uma série de perguntas semiabertas, que teve como objetivo apresentar dados que evidenciassem a compreensão da leitura em sala de aula, voltada para os alunos da (EJA) Educação de Jovens e Adultos. As respostas obtidas foram analisadas e expostas em gráficos para melhor compreensão. As ideias dos dados coletados serviram de reflexão para a importância da leitura no âmbito escolar.

Quando os alunos desenvolvem a capacidade de leitura, assimilam melhor o que leem, pois adquirem conhecimentos e tornam-se leitores críticos. A escola deve oferecer meios didáticos para que o aluno tenha leituras frequentes e regulares. Uma vez que disponibilizados livros paradidático, o aluno tem diversas opções de escolha facilitando o gosto e a prática da leitura.

A idade dos alunos para essa pesquisa é de fundamental importância, pois podemos observar a diversidade na faixa etária da educação de jovens e adultos. Podemos perceber que entre 20 a 46 anos é a faixa etária das pessoas que podem ingressar no mercado de trabalho.

Gráfico 1 – Faixa etária.



Fonte: Elaboração da Edna Núbia (2017)

Outro saber indispensável é que esses alunos por algum motivo, foram impossibilitados de concluir o ensino em idade própria. No ato da pesquisa, foi possível perceber que a maioria dos alunos tem dificuldades de aprendizagem, mas todos com objetivos para o futuro profissional e acadêmico.

- 8 (alunos) o objetivo em sala de aula é aprender;
- 1 (aluno) melhorar os estudos para tornam-se militar;
- 1 (aluno) é concluir o ensino médio para fazer o curso de serviço social;
- Para os demais, foram obtidas respostas como ter um futuro melhor. Concluir os estudos e ter uma boa profissão. Estudar para ser alguém. Em busca de melhorias. Por que o estudo é muito importante principalmente para trabalhar hoje em dia. Ter o máximo de informação e aprendizado possível.

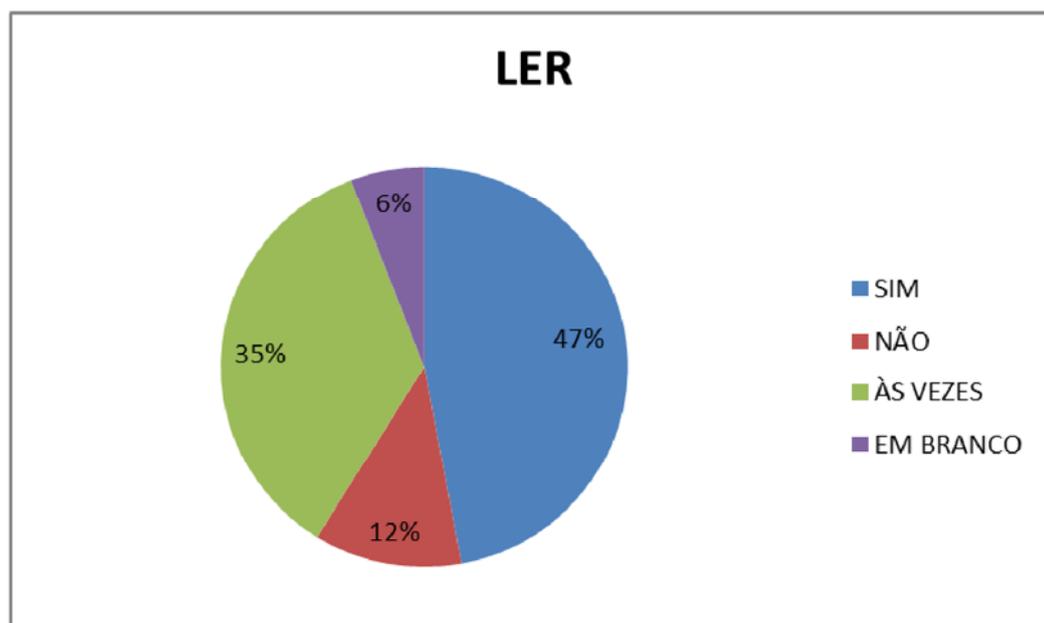
Diante dessas respostas, podemos analisar os motivos pelos quais eles frequentam a escola. Essas definições estão associadas às perspectivas de cada um. Tais visões remetem ao processo de aprendizagem que eles buscam no decorrer da formação do ensino, mesmo não tendo hábito de leitura, pois justificam que não disponibilizam de tempo, por terem o perfil do aluno trabalhador.

- 12 (alunos) responderam que o que mais dificulta seu hábito de leitura é o tempo;
- 3 (alunos) afirmaram lentidão na leitura;
- 1 (aluno) respondeu que tem dificuldade o acesso a biblioteca;
- 1 (aluno) não tem costume de ler.

Na escola, lê-se para aprender a ler, enquanto no cotidiano a leitura é regida por outros objetivos que conformam o comportamento do leitor e sua atitude diante do texto. No dia a dia, uma pessoa pode ler para agir ao ler uma placa; ler para sentir prazer ao ler um gibi ou romance; ler para informar-se ao ler uma notícia de jornal. Essas leituras são guiadas por diversos objetivos, produzindo efeitos diferentes que modificam a ação do leitor diante do texto. Essa constatação, descrita por diversos pesquisadores, orientou a elaboração de atividades e seleção de textos a fim de que pudesse propiciar a apreensão de estratégias de leitura que colaborassem para a formação de um leitor autônomo, capaz de ler os textos disponíveis nas sociedades letradas. (RIBEIRO, 2001, p. 132).

Quando questionados se gostavam de ler, a maioria das respostas foi sim. Mesmo não tendo o hábito de leitura, o aluno busca nela a proposta de adquirir conhecimentos. Dois alunos responderam que não gostavam de ler e argumentaram que não tinham o hábito de leitura. Alguns afirmaram que as vezes leem. E apenas um não respondeu.

Gráfico 2 – Motivação leitora.



Fonte: Elaboração da Edna Núbia (2017)

São inúmeras as questões que envolvem a prática da leitura em sala de aula. Para a maioria dos alunos jovens, esse momento se dá através da exposição de textos e atividades que possibilitam a constante leitura durante as aulas, isso significa estar inserido no processo de leitura, tendo como maior parte do tempo dedicado ao ensino na escola. Durante a pesquisa, buscou-se perceber se os discentes eram leitores assíduos e pôde-se observar que os alunos estão voltados para a prática da leitura apenas ou quase exclusivamente na escola, devido à falta de tempo alegado por eles.

- 10 alunos acreditam que o tempo dedicado a aprendizagem é insuficiente, pois consideram a leitura como uma atividade essencial e é em sala de aula que eles se apropriam desse contato com o texto.
- 7 alunos acreditam que o tempo dedicado à aprendizagem é o suficiente para a leitura.

Quando perguntamos o que significa ler para eles, essa pergunta foi elaborada com o intuito de os alunos desenvolverem respostas que permitissem estabelecer relações de experiências e habilidades com a leitura. É importante salientar que a melhor forma para obter conhecimento é através do ato de ler. Portanto, a maioria das respostas foram significativas e abordaram a capacidade que o leitor adquire de conhecer, interpretar e descobrir um mundo novo quando desenvolve habilidades com a leitura.

Durante a oficina, abordamos que nunca se leu tanto. Apesar de disponibilizarem de equipamentos eletrônicos tais como: celular, tablet e computadores, podemos observar que são os tipos de leituras mais presente em suas vidas, uma vez que, estes equipamentos quando utilizados, sua finalidade geralmente é voltada para as redes sociais. A intenção é trazer uma abordagem de leitura prazerosa que proporcione momentos de interação entre o texto e o leitor.

Outra pergunta que foi trabalhada era de qual forma eles iniciavam a leitura de um livro. As respostas foram bem diversificadas como: costume ler quando ganhou de presente, por indicações de amigos ou do professor. Pela capa e figuras. Pelo título do livro e quando me deparo com dúvidas a respeito de algum tema.

Ao perguntar quantos livros liam por ano, objetivamos respostas bem significativas.

- 9 (alunos) disseram ler mais de dois livros no ano;

- 6 (alunos) leem um livro por ano;
- 2 (alunos) afirmaram que não leem livros.

Durante a oficina, foi perguntado no intuito de saber se os sujeitos pesquisados têm um contato fora da sala de aula com a leitura, pois essa proximidade torna-se um momento prazeroso que ajuda os leitores a gostarem de ler. Incentiva a aquisição do hábito pela leitura. Porém, o ato de ler em sala de aula está voltado para uma sequência de interação entre textos e exercícios no livro didático expostos pela professora.

Ainda na oficina, foi abordada a importância de ler e ter um conhecimento do que se ler, tanto na sala de aula quanto fora dela, pois quando estamos envolvidos em um texto de fácil compreensão, a leitura torna-se agradável e estimulante. Essa prática de conhecimento prévio do texto no ensino-aprendizagem deve ser estimulada para despertar o interesse dos alunos em viver em constantes leituras.

Além da falta de tempo, alguns alunos disseram que às vezes não compreendem o texto lido, no entanto, as respostas foram as seguintes:

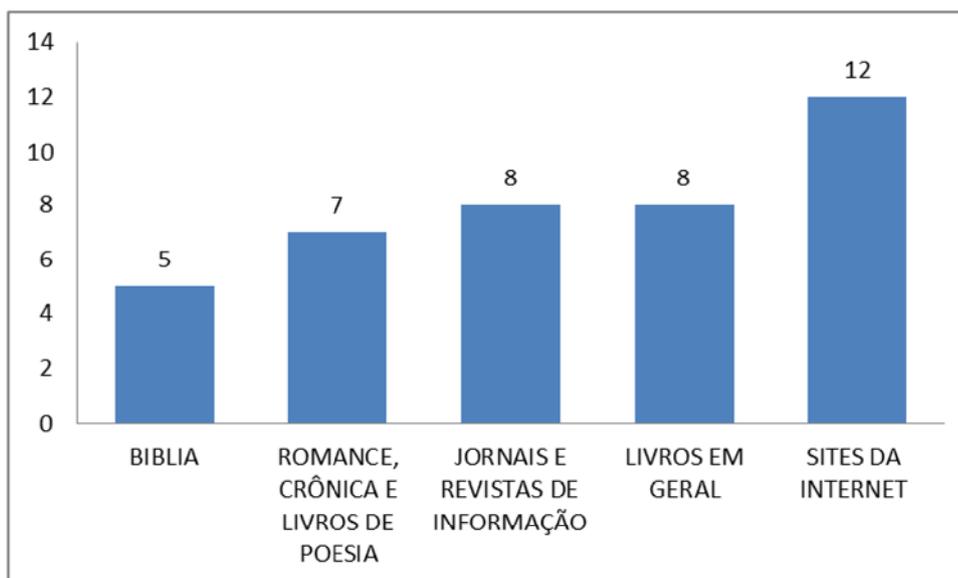
- 11 (alunos) responderam que entendem o que leem;
- 6 (alunos) disseram que às vezes entendem.

Nesse momento, podemos identificar um dos obstáculos que os alunos têm ao tentar se relacionar com a leitura. De acordo com Martins, (1994, p.25):

[...] a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passam a ser identificados como os manuais escolares. Esses textos condensados, supostamente dirigíveis, dão a ilusão de tomar seus usuários aptos a conhecer, apreciar e até ensinar as mais diferentes disciplinas. Na verdade, resultam em manuais da ignorância; mais inibem do que incentivam o gosto de ler.

Um dos dados que chamou atenção foi que a maioria marcou mais de uma opção, ao serem indagados sobre que tipo de leitura gostavam mais. Vejamos no seguinte gráfico as respostas.

Gráfico 3 – Preferência pela leitura



Fonte: Elaboração da Edna Núbia (2017)

O questionário serviu para identificar a importância de aprender e desenvolver as habilidades de leitura em sala de aula.

Quando perguntados sobre qual disciplina preferem estudar, a maioria respondeu que prefere o estudo da língua portuguesa. Em menor preferência, as demais: matemática, biologia, história, física, química e inglês também foram mencionadas.

Ao perguntar o porquê eles gostam de estudar português, as respostas foram bem relevantes, como:

- a disciplina é muito importante para melhorar a leitura;
- facilita o estudo em outras áreas do conhecimento;
- tem muita gente escrevendo e falando errado por não ter o hábito de praticar a língua portuguesa;
- é nossa língua materna e é necessário conhecer melhor as diretrizes de nosso idioma para uma melhor comunicação e escrita;
- para ajudar entender melhor as leituras.

Perguntamos se eles costumam tirar dúvidas com os professores durante as aulas, a maioria disse que sim. Vejamos:

- 15 (alunos) disseram que sim;
- 1 (aluno) disse que às vezes;

- 1 (aluno) disse que não.

Quando perguntados se eles pretendem continuar estudando após terminarem o ensino médio, responderam:

- 7 (alunos) querem tentar um curso superior;
- 8 (alunos) querem continuar estudando por almejar um concurso público;
- 1 (aluno) não respondeu;
- 1 (aluno) não vai continuar estudando.

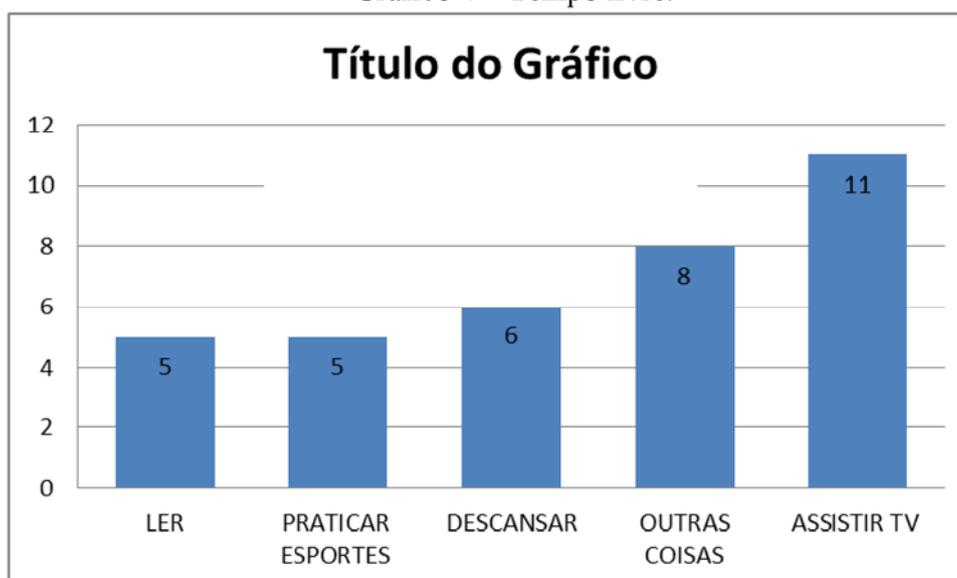
Considerando que a biblioteca é um ambiente de grande importância na escola, pois é ela que oferece ao aluno diversos livros e contato com a leitura, perguntamos se eles pegam livros na biblioteca da escola.

- 8 (alunos) disseram que não;
- 4 (alunos) disseram que sim;
- 4 (alunos) disseram que às vezes.

Quando perguntamos à professora se os alunos vão à biblioteca pegar livros, ela disse que só quando ela pede para fazer algum trabalho em sala de aula, mas ir por livre e espontânea vontade é uma realidade que não acontece.

Em análise ao questionário podemos identificar nas respostas dos alunos quando perguntados “Na sua hora de folga o que você mais faz” a diferença entre ler e assistir TV é bem visível, assim podemos identificar uma das coisas que contribuem para não se ter hábitos de leitura, pois assistir TV é um hábito constante. Podemos evidenciar que a televisão trabalha com conhecimentos prévios e consegue fazer com que os telespectadores interajam e se envolvam nas programações.

Gráfico 4 – Tempo livre.



Fonte: Elaborado por Edna Núbia (2017)

Esta é a realidade da leitura em sala de aula na educação dos adultos. Podemos destacar a falta de interesse na leitura dos alunos durante as aulas. Ficou claro, quando analisados os questionários e por meio de observações, que o contato com a leitura se dá por meio sistemático entre livro didático e professora no decorrer das aulas. Fica evidente a necessidade de inserir a leitura com mais frequência na aula de língua portuguesa. Os alunos têm convicção que a escola é o local onde a leitura está inserida, mas eles não dispõem de momentos de interação com livros de leituras e sim com livros que remetem a textos gramaticais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa a respeito do ensino de leitura na EJA (Educação de Jovens e Adultos) buscou compreender questões importantes como a leitura é trabalhada em sala de aula, e a forma que os alunos compreendem os textos, consideramos a metodologia da professora. Por meio deste trabalho, podemos identificar algumas dificuldades na aprendizagem da leitura, como a falta de conhecimento prévio dos textos e a falta de tempo para o ato de ler.

Quando o leitor dispõe de métodos que transforme o processo de aprendizagem, a facilidade de interpretar e compreender é mais ampla. É necessário incentivar os alunos a ler, inserindo a escrita e a leitura no seu cotidiano, não apenas com finalidades pedagógicas que envolvam os alunos em atividades rápidas, mas trabalhar com textos que facilitem seu entendimento, sendo de fácil acesso e compreensão, estimulando o hábito de leitura.

No entanto, o professor precisa desenvolver nos alunos esse gosto, através de livros que tragam para sala de aula o interesse dos alunos, desta forma a leitura passara a ajudar no processo de construção de conhecimento.

Os estudos vão surgindo e intensificando as perspectivas da alfabetização e do letramento. Compreender a importância desses termos é um meio de trabalhar em sala de aula, pois a leitura transforma a educação e garante a interação entre o leitor e os textos que circulam na sociedade.

Assim, quando a leitura é relacionada com o conhecimento do leitor, o ensino torna-se prático e os textos ampliam a capacidade de desenvolvê-la como prática social. Através desse contato com a leitura o aluno entende que o tempo é uma realidade administrada por nós e que

existem diversas possibilidades para envolver-se, mesmo acreditando não dispor desse tempo. Dessa maneira, a leitura em sala de aula é importante para mostrar aos alunos que estimular a prática da leitura é um meio eficiente na compreensão e aquisição do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: **Coletânea de textos didáticos**. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**: Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: A Secretaria, 1997.
- CORDEIRO, I. C. **Argumentação e leitura**: a importância do conhecimento prévio. Encontro científico do curso de letras, 2005.
- CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**: 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GUERRA, Marcos José de Castro. As 40 Horas de Angicos: vítimas da Guerra Fria? **Revista de Informação do Semiárido – RISA**, Angicos, RN, v. 1, n.1, p. 22-46, jan./jun. 2013. Edição Especial.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. São Paulo: Pontes, 1993.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 13 ed. Campinas (S.P.): Pontes, 2010.
- MARTINS, M.H. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
- MOURA, Maria da Glória Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos**: um olhar sobre sua trajetória histórica – Curitiba: Educarte, 2003.
- PORCARO, Rosa Cristina. **A história da educação de jovens e adultos no Brasil**. Viçosa: Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, 2007.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 15. ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Educação de jovens e adultos**: novos leitores, novas leituras. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; ALMEIDA, Rosilene Souza. **Práticas de Educação de Jovens e Adultos**: complexidades, desafios e propostas. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Leôncio (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Leôncio José G. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. jan/abr. n. 25, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TFOUNI, L.V. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.